

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 146 JANEIRO DE 2024 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



RESSUSCITA-ME

Ruy Castro, José Castello e Karla Monteiro debatem sobre as sensações de biografar os grandes personagens da cultura brasileira e seus diferentes pontos de vista em métodos de escrita

Índice

3 ESPECIAL

Fantasma na poltrona

Francisco Camolezi

11 ENTREVISTA

O entusiasta

Ruy Castro

por Francisco Camolezi

20 PERFIL

Um gênio oculto entre nós

Felipe Aníbal

26 ROMANCE

Amor

André Sant'Anna

31 CONTO

Ela dança

Daniel Amorim

39 PENSATA

Um repórter negro na roda do samba

Carlitos Marinho

45 ESPECIAL NICOLAU

Will Eisner — gráfica cena

Key Imaguire Jr.

50 FOTOGRAFIA

O lado bonito do feio

Tita Blister



Fantasma na poltrona

Francisco Camolezi



Walter Chaminon

> Karla Monteiro

Biógrafos de personagens como Carmen Miranda, Samuel Wainer e Vinicius de Moraes relatam seus processo de escrita e o assombro com a biografia

O sujeito desliga a TV, levanta do sofá e vai para a cozinha. Lá, serve-se de um copo d'água e caminha até o quarto enquanto desliga as luzes que ficaram acesas pela casa. No quarto, coloca os pijamas, deita na cama, encaixa o braço embaixo do travesseiro e, em busca da posição ideal, vira o corpo de lado. Por um instante, seus olhos esbarram em uma figura de formato humano sentada na poltrona que fica entre a janela e o guarda-roupas. Esse ser fantasmagórico parece demasiadamente confortável, e só ameaça sair dali para se infiltrar em seus sonhos. Com a maior naturalidade do mundo, o sujeito vira para o outro lado e volta à procura da postura perfeita porque, a esse ponto, a sensação esquizofrênica de escutar vozes e imaginar pessoas é nada mais nada menos que os ossos do ofício.

Que fique claro: o sujeito em questão é um biógrafo. O fantasma na poltrona pode ser Carmen Miranda, Vinicius de Moraes ou Samuel Wainer, como foi para Ruy Castro, José Castello e Karla Monteiro, respectivamente. Biografia é um trabalho que leva tempo. Anos, no mínimo. E o tempo leva ao íntimo. O biógrafo precisa se aventurar pelos submundos mais inacessíveis da vida do biografado. Ele veste o escafandro e vasculha cada canto e recanto da sua trajetória, e o resultado é, geralmente, um passeio pelas margens da sanidade. De acordo com Ruy Castro, algumas de suas biografias renderam mais de mil entrevistas, com pelo menos 200 pessoas diferentes e, mesmo assim, se refizesse esses trabalhos hoje, "tentaria ouvir ainda mais gente e mais vezes". É impossível circular por aí sem flertar com a paranoia.

É verdade que o texto final será responsável por

esclarecer e trazer a público suas polêmicas mal resolvidas, deslizes irreversíveis e acertos que passaram em branco, no entanto, essa é uma leitura um tanto ingênua da biografia. Para José Castello, a biografia não explica nada. Ela apresenta novas perspectivas e olhares que ajudam a interpretar o biografado, mesmo sem decifrá-lo. "As biografias ajudam a desmanchar essa nuvem de distorções e de enganos, nos ajudam a observar os escritores de uma maneira mais direta e verdadeira", diz.

Para Karla Monteiro, a biografia é parte de algo maior. O personagem serve como uma porta para o contexto em que está inserido. A ideia é retratar não só a vida do biografado, mas o seu espaço e tempo. A jornalista, biógrafa de Samuel Wainer, que o diga. Seu livro, *Samuel Wainer: O Homem que Estava Lá* (2020), conta a história da imprensa e da política brasileira entre os anos 1930 e 1980, tendo como personagem central o jornalista.

Samuel foi um ícone da história da imprensa brasileira. Fundador do Última Hora, Wainer deu luz a um jornal trabalhista, popular, nacionalista e de altíssima qualidade. Uma das primeiras redações a implementar as técnicas do jornalismo americano — *lead* e copidesque — no país. A ideia de escrever sobre Wainer, conta Karla, se deu em uma viagem a trabalho com João Wainer, cinegrafista, neto de Samuel. Era 2015, recém-passadas as manifestações de junho de 2013, e, para Karla, o impeachment de Dilma Rousseff parecia uma pauta comprada sem muito debate por parte da imprensa. Em um paralelo com o jornalismo contemporâneo, Karla acreditava que Wainer cumpria um papel parecido com os blogs de mídia independente, alinhados à esquerda. Ambos remaram contra a maré da hegemonia. Escrever sobre Wainer, então, era apresentar não só a vida agitada que levou o jornalista, mas também o que já foi, poderia ser e, de certa forma, ainda é, por mais que em outra roupagem, a imprensa brasileira.

A essa questão, Ruy Castro acrescenta que a biografia trabalha com o fato. Para Ruy, análises e interpretações complexas "ficam por conta dos ensaístas". Não há, na biografia, espaço para literatices

— descrições de cenas românticas e reconstruções de diálogos supostos. O biógrafo, no entanto, é um narrador, que, mesmo sem apelar para o descompromisso com a verdade, constrói e edita a história a partir da própria leitura, visível desde o momento da escolha do personagem, como foi para Karla e Samuel. Para Castello, “entre o leitor e o biografado, estão sempre presentes o olhar particular de cada biógrafo, seu estilo, seus valores, suas qualidades, mas também seus defeitos e limitações”.

O método

Alguns debates metodológicos circundam a escrita da biografia que, de acordo com Myrian del Vecchio, professora do Departamento de Comunicação da

> José Castello



Universidade Federal e pesquisadora do Jornalismo Literário, vêm da História. A tradição da biografia está muito ligada ao método científico historiográfico, mas ela ganha outros aspectos quando apropriada pelo Jornalismo, com métodos mais flexíveis quando comparados aos propostos pelos historiadores. Há quem diga que, para ser uma biografia, é preciso, primeiro, que o biografado esteja morto. As razões são várias. Primeiramente, práticas: evita dores de cabeça ao passo que ajuda a garantir a independência do texto. Castello acredita que, com o biografado em vida, os entrevistados teriam receio de dar declarações que pudessem aborrecê-lo, fazendo da biografia de um personagem vivo "um grande risco". Karla Monteiro é mais incisiva. Para ela, a biografia clássica exige um personagem morto.

O motivo, digamos, "filosófico", que sustenta a impossibilidade de se biografar pessoas vivas, é uma questão semântica. Se a biografia é o registro de uma vida, ela precisa contemplar essa vida do início ao fim. Por mais ideal que pareça, essa problemática apresenta efeitos materiais. A biografia de Woody Allen, escrita por Eric Lax e publicada em 1991, poucas semanas antes de seus escândalos sexuais e românticos virem a público — que foram escondidos pelo cineasta durante a apuração de Lax —, é o exemplo por excelência. Castello não considera o seu livro *João Cabral, o Homem Sem Alma* (1996) uma "biografia clássica", tendo em vista que foi escrito apenas em consulta com o autor em vida, sem entrevistas complementares e pesquisa em arquivos.

Se a biografia precisa ser escrita a partir de um biografado morto, então, a autobiografia é impossível. Castello acredita que, na verdade, autobiografias são viáveis. Basta "aceitar as características e limitações do gênero". Mesmo assim, a "autobiografia não se interessa pela verdade, mas de nossos sentimentos a respeito da verdade". Ruy diverge: "Já reparou que o autor de uma biografia é um biógrafo, mas o de uma autobiografia não é um 'autobiógrafo'? Talvez porque

essa categoria não exista, assim como o gênero”. Karla, por sua vez, é enfática: “Adoro livros de memória, mas não os leio como autobiografia”, diz a escritora. Para ela, o ser humano se enxerga em um espelho e se descreve em um vitral. Em *A Vida por Escrito: Ciência e Arte da Biografia* (2022), Ruy Castro aponta que um dos gêneros erroneamente confundidos com a biografia é, justamente, o livro de memórias.

Quanto à forma de contar a história, em suas biografias, todos os três autores, Karla Monteiro, José Castello e Ruy Castro, apostaram na ordem cronológica. No entanto, enquanto Castello é mais permissivo em relação à subversão da cronologia, Ruy e Karla tendem a ver a escolha como vaidosa. Uma tentativa do autor de demonstrar dotes literários que não necessariamente combinam com o gênero ou com o ritmo de leitura da biografia.

Biografia, gênero assombrado

Dados os encontros e desencontros, Karla, Castello e Ruy são uníssonos em um ponto: biografia é um gênero híbrido. Transita, especialmente, entre o Jornalismo e a Literatura. A crítica tende a classificar a biografia como um romance de não ficção, gênero estabelecido por Truman Capote em *A Sangue Frio* (1966). Não é, exatamente, jornalismo, apesar do apego pela verdade, do envolvimento de técnicas de reportagem e apuração e das raízes do gênero no Jornalismo Literário. Isso porque a biografia, mesmo avessa às literatices, mantém um diálogo direto com o romance.

Myrian del Vecchio não considera a biografia como romance de não ficção. Não, pelo menos, nos moldes de Capote, propostos pelo Novo Jornalismo americano, devido à sua precisão e ausência de licenciosidades literárias. Embora reconheça que o sabor da biografia, especialmente aquelas escritas por jornalistas, possa provocar no leitor a sensação de parecida com a leitura de um romance.

Existe uma diferença sutil entre Jornalismo e Literatura: a pragmática. Enquanto a Literatura geralmente goza de total liberdade estética, interesses variados e propostas igualmente diversas, o Jornalismo tende a um certo funcionalismo. Por não terem finalidades óbvias, crônicas literárias, perfis, e as próprias biografias consistem em respiros à lógica de funcionamento do jornal. Irônico, José Castello diz que biografias são partes de "um projeto onipotente, que guarda o desejo louco de ressuscitar um morto". E é esse o romantismo assombroso que faz a biografia pular as cercas do jornalismo. Existe, aí, um enigma e um autor. É preciso decifrar as intenções da biografia, as histórias ocultas e as intersecções entre biógrafo e biografado. O texto dá pistas, o resto é com o leitor. Além disso, o tempo que leva uma biografia para ser escrita e publicada é incompatível com o Jornalismo. Para escrever *O Poeta da Paixão* (1994), biografia de Vinicius de Moraes, Castello levou quatro anos. Em *Carmen* (2005), Ruy precisou de cinco.

Castello, que escreveu a biografia de Vinicius de Moraes a pedido de Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, conclui que "escrever uma biografia é aventurar-se através da vida de um outro. É uma grande e perigosa viagem que deve ser feita com muita humildade, delicadeza e temor". Karla, que está prestes a publicar a biografia de Leonel Brizola, conta as histórias de um espaço e tempo por meio da vida de um personagem. Segue a máxima de Adelmo Genro, teórico do Jornalismo brasileiro: do singular, o sujeito; para o universal, a história. Ruy, cansado das grandes articulações e análises conceituais da Faculdade Nacional de Filosofia, atraiu-se pela biografia por conta do concreto, o fato. Cada um à sua moda serão sempre entusiastas das boas conversas com os fantasmas na poltrona. <

O entusiasta

Ruy Castro

por Francisco Camolezi



Em entrevista especial para o Cômico, Ruy Castro discute a ciência e arte da biografia e dá seus votos para que as pessoas escrevam mais

Medalhão do jornalismo brasileiro, Ruy Castro atingiu o posto de autor. Notável pelas biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda e livros de reconstituição histórica, como *Chega de Saudade* (1990), *A Noite do Meu Bem* (2015), e *Metrópole à Beira-mar* (2019), Ruy lançou, em 2022, *A Vida por Escrito*, livro que pretende dar conta dos seus 25 anos de trabalho realizando cursos sobre biografia no Instituto Estação das Letras, no Rio de Janeiro, e no centro cultural b_arco, em São Paulo. Em entrevista, Ruy conversa sobre seu trabalho como biógrafo, seus posicionamentos em relação aos debates metodológicos que rondam as biografias e se declara entusiasta da escrita da memória.

Em *A Vida por Escrito*, você sobrevoa gêneros comumente confundidos pelos leitores e por alguns estudiosos com a biografia. Ensaios biográficos, livros-reportagem, perfis e memórias são alguns deles. Curioso é que o livro ultrapassa a proposta de “curso de biografia” e se aproxima de uma espécie de *mémoire*. É voltado para seu exercício profissional, mas sem deixar de se misturar com o sensível. O título, inclusive, parece uma sugestão. Era a intenção?

Sim. Nunca pensei num livro meramente didático, embora vá adorar se ele for adotado em cursos de jornalismo. A melhor maneira de ensinar é, creio, pelo exemplo, e, nesses 35 anos no ramo, acho que passei pelos desafios possíveis que a biografia apresenta. Todas as técnicas de investigação, pesquisa e entrevista

que descrevo tive de aprender por conta própria, e, por isso, minhas descrições podem parecer *mémoire*. Mas é assim que funciona a cabeça do biógrafo — contando uma história.

Ao pensar em uma historiografia da cultura, memória, reconstrução e, para além do prazer do leitor, quais os frutos da publicação de uma biografia?

Quando era estudante aqui no Rio, nos anos 1960 — fiz Ciências Sociais na antiga FNFi (Faculdade Nacional de Filosofia), atual IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da Universidade Federal do Rio de Janeiro —, tínhamos de estudar não pelos fatos, mas pelos modelos sociais, políticos e econômicos. Se os fatos não se encaixassem nos modelos, pior para os fatos. Como já era jornalista e, neste, o material são os fatos, nunca me conformei com aquilo. Daí a biografia e a história me atraírem muito mais — trabalhamos com o concreto, o objetivo, que são os fatos. As interpretações e análises ficam por conta dos ensaístas. Se o leitor perceber isto, poderá passar a ter uma visão melhor da realidade.

Como você enxerga as relações da biografia com os campos da literatura e do jornalismo?

Convenci-me, desde cedo, que, se houvesse um curso de biografia na universidade brasileira, ele deveria comportar aulas nas faculdades de Jornalismo, Letras e História. Acho que *A Vida por Escrito* tem a ver com todas essas disciplinas. O Jornalismo ensina a apurar, as Letras dão uma base para a escrita e a História fornece uma visão do conjunto, indispensável quando se mergulha no particular. Precisei muito da História em *O An-*

jo Pornográfico, Estrela Solitária, A Noite do Meu Bem, Metrópole à Beira-mar e até Ela é Carioca. As pessoas não vivem num vácuo.

Você relaciona a Biografia com as faculdades de Jornalismo, Letras e História. No livro *A Vida por Escrito* você afirma que biografia não é lugar de literatice. Mas é literatura? Jornalismo? História? Ou é bobagem pensar em algo como uma categoria para a biografia?

Quem disse que Letras só ensinam literatice? Ensinam literatura. E não há o menor problema para quem escreve conhecer literatura. Biografia é um gênero híbrido, sempre disse isso. Aliás, o ser humano também é.

Os seus parâmetros para um conceito de biografia são bastante próximos daqueles discutidos pela academia, no entanto, suas justificativas são mais práticas e, por isso, soam mais como instruções do que regras. Qual é sua tolerância com biografias de pessoas vivas e escritas em ordem não cronológica?

Sou um leitor chato de biografias porque, sabendo como elas são feitas, vejo imediatamente quando o biógrafo está navegando no azul, “adivinhando” o pensamento do biografado, confundindo o leitor com uma cronologia “criativa” ou se submetendo à vontade do biografado vivo. Por sorte, isso hoje acontece cada vez menos. O pessoal está mais rigoroso.

É possível chamar de biografia um livro biográfico escrito sobre alguém vivo?

Só se for independente e à revelia do biografado.



de Tiradent

 CEDR
MINERAÇÃO

SECRETARIA
DE MINERAÇÃO

FED
MINISTRO

O termo "Autobiografia". Aberração ou simplesmente possível?

Já reparou que o autor de uma biografia é um biógrafo, mas o de uma autobiografia não é um "autobiógrafo"? Talvez porque essa categoria não exista, assim como o gênero. Em contrapartida, sou fascinado pelos que põem no papel suas memórias, observações e opiniões sobre sua própria vida ou época. Acho que todo mundo devia contar sua história, desde que admita que aquela é apenas a sua versão sobre sua própria vida. Pode ser útil no futuro para os biógrafos "de verdade" que queiram biografá-los.

Você conta que muita coisa mudou em questão de técnica e estética entre as biografias de Nelson Rodrigues (*O Anjo Pornográfico*, 1992) até Carmen Miranda (*Carmen - Uma Biografia*, 2005). Se fossem escritas hoje, pensa em diferentes escritas, abordagens, apurações?

Não. Acho que, desde o começo, estabeleci para mim mesmo um método de trabalho que acho correto até hoje. A diferença é que, no caso das biografias, se fosse fazê-las hoje, eu tentaria ouvir ainda mais gente e mais vezes. Isso pode parecer absurdo, sabendo que algumas das biografias me tomaram cerca de mil entrevistas com pelo menos duzentas pessoas, ao vivo, por telefone ou por escrito.

Todas as suas biografias foram escritas e publicadas antes da reafirmação do ditado popular "cala boca já morreu", sobre a liberdade de expressão, pela Ministra do Supremo Tribunal Federal, Carmen Lúcia, em 2015. Se fosse o contrário, que diferença faria?

Carmen Lúcia prestou um grande serviço à história do Brasil e já tive o prazer de agradecer pessoalmente a ela. Sua medida não me afetou pessoalmente porque nunca pedi autorização para biografar ninguém, nem pediria. Ao contrário, sempre levei pelo menos seis meses em cada uma delas para me aproximar dos herdeiros

ros ou da família dos biografados. Acho que se deve manter uma relação cordial com eles — afinal, podem possuir material exclusivo, como documentos, fotos, histórias. Mas nada pode ser feito em troca da independência do biógrafo. Paga-se o preço. Isso me custou a inimizade de morte dos filhos não reconhecidos do Nelson Rodrigues, das herdeiras do Garrincha e das sobrinhas da Carmen Miranda. Mas não os impediu de se beneficiarem do que meus livros fizeram por seus parentes.

Há 14 anos, no programa *Provocações*, da TV Cultura, você falou sobre o desejo de biografar Carlos Lacerda. Hoje, daria a mesma resposta para a pergunta de Antônio Abujamra?

Não. O Lacerda está hoje em muito boas mãos, do Mário Magalhães, que, depois de quase dez anos, deve estar terminando seu livro. E esse foi meu principal motivo para deixar Lacerda de lado: o tempo absurdo que, para ficar bom, ele iria tomar. O Mário que o diga. A ideia de biografar Lacerda, que conheci bem em Lis-

➤ **Na foto, Ruy Castro entrevista Nelson Rodrigues, em 1978, no Rio. "Naquele dia, sob a impressionante quantidade de cabelo, eu nem sonhava que um dia iria biografá-lo", diz o escritor**



boa no ano de 1973, vem desde que lancei o *Estrela Solitária* em 1995. Pensei muito também em Leila Diniz. Mas só os abandonei por Carmen quando me deu o estalo, em meados de 2000.

Em 2025, sua última biografia, *Carmen*, completa 20 anos. Pensa em voltar?

Posso voltar, sim, por que não? Basta me ocorrer um personagem que me fascine tanto quanto as épocas que estou gostando de levantar. O passado está cheio de histórias, e elas não se limitam a uma pessoa em particular. Podem envolver todo um povo, uma cidade e uma época.

Hoje, visitam a sua cabeça possíveis nomes para uma biografia? Quais?

Há muita gente implorando por biografias de verdade. Todos os presidentes do Brasil; Roberto Marinho; Guimarães Rosa; Glauber Rocha; Oscar Niemeyer; e agora o Pelé. Mas não serei eu a fazer nenhuma. E há três possíveis grandes biografias a caminho: Carlos Drummond de Andrade, pelo Humberto Werneck; Villa-Lobos, pelo Rodrigo Alzuguir; e Carlos Lacerda, pelo Mário Magalhães.

Por fim, peço que indique biografias de escritores brasileiros publicadas recentemente. É possível mapear uma nova geração de biógrafos brasileiros?

Nessa eu não caio [*risos*]. Há toda uma nova geração de ótimos biógrafos brasileiros, e eu não gostaria de deixar ninguém de fora. Eles me procuram muito, porque sabem que podem contar comigo para trocar ideias, dar palpites e sugerir pistas e nomes. Adoro biografias e, como não posso escrever todas que gostaria de ler, torço para que elas sejam feitas, e bem feitas, para que eu possa lê-las. Aliás, este é o objetivo secreto de *A Vida por Escrito*. <

Um gênio oculto entre nós

Felippe Aníbal



Waltel Branco transitou pelos principais gêneros e movimentos musicais, mas permaneceu alheio ao grande público

Da mesa em que eu estava, vi o senhorzinho se aproximar devagar, apoiado a sua bengala metálica. Tinha aura de artista: trazia a barba branca por fazer, vestia um casaco grosso e tinha um chapéu Panamá metido à cabeça. Saudou-me, chamando-me de “meu rapaz”. Tivemos nossa primeira conversa ali, num dos cafés da Praça Osório, sob sol entre nuvens, no fim de uma manhã de março de 2015. Meu interlocutor, em questão, era o maestro Waltel Branco. Hoje, olhando em retrospecto, pergunto-me se quem o visse passeando calmamente pelas ruas de *petit-pavé* do centro saberia que ali ia um gênio. Tenho para mim que não. Waltel vivia oculto em um semianonimato, sem que a História tivesse feito justiça à sua história.

Eu, mesmo, só conhecia microfragmentos da trajetória do velho maestro. A partir daquele café inaugural passei a frequentar assiduamente o apartamento 222 do Hotel Globo, ali nos arredores da Osório, onde Branco residia. Aos poucos, imergi na história do personagem, com declarado objetivo de contar sua vida – e que se materializou no livro *Waltel Branco — O Maestro Oculto*, lançado em novembro passado pela Banquinho Publicações. O gênio foi se revelando ali naquele quatinho de hotel, a cada entrevista. Mas também expunha sua(s) face(s) a cada café, a cada almoço ou a cada passeio pela Rua XV, em que era, invariavelmente, saudado com deferência por quem quer que o reconhecesse: “Olá, maestro!”, “Boa tarde, maestro!”, “Como vai, maestro?”.

Logo, uma percepção me impôs: era possível contar a História da música brasileira da segunda metade do século XX para cá por intermédio da trajetória de Waltel. Eu explico. Como instrumentista, compositor,

arranjador, maestro, diretor ou supervisor musical, Branco transitou pelos principais gêneros e movimentos musicais que eclodiram no Brasil e que influenciam nossa formação cultural. Nessa esteira, conviveu e/ou trabalhou com músicos, intérpretes e compositores que fizeram a música brasileira ser o que ela é hoje. Waltel esteve em todas: da bossa nova ao *soul*; do samba-lanço ao *jazz*; do brega ao samba; do erudito ao popular. (Há quem trace um paralelo entre o maestro e Forrest Gump, personagem vivido por Tom Hanks no cinema, que testemunhou ou participou dos eventos mais representativos da história dos Estados Unidos).

Certamente, você já se deparou com um dos feitos musicais de Branco — ainda que não saiba que há de do maestro ali. Sabe *Azul da Cor do Mar* (Tim Maia), *Bastidores* (Cauby Peixoto) e *Faz Parte do Meu Show* (Cazuza)? Todas têm arranjos da lavra de Waltel. O “lerê-lerê” do tema de abertura da novela *A Escrava Isaura* (a música *Retirantes*) e o galope ritmado de *Irmãos Coragem* também são criação do maestro. Assim como a batuta de Branco conduziu a abertura original de *Fantástico — O Show da Vida*, as trilhas de *Chico City*, *Vila Sésamo* e da turma do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Isso sem falar em trabalhos de Waltel com expoentes da magnitude de João Gilberto, Elis Regina, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Elza Soares, Novos Baianos, Alceu Valença, Zé Ramalho, Roberto Menescal, Djavan, Odair José, Alcione, Elizeth Cardoso e tantos outros.

Essa vastidão plural, no entanto, implicou em efeitos colaterais para o escritor. É que Branco, por ter tido uma trajetória tão superlativa, considerava tudo normal — não importa se estivéssemos falando de personagens do quilate de João Gilberto, Dizzy Gillespie ou Elis, por exemplo. Tornava-se lacônico, sem dar grandes importâncias aos próprios feitos. Contava com simplicidade histórias que fariam (e fazem) brilhar os olhos de qualquer um. Para ele era corriqueiro. Nós é que nos impressionamos.

O assombro também se estende sobre quem é *expert* em partituras e escalas. A poeta e violoncelista Denise Emmer, que integrou o time de arranjadores da Globo, se maravilhava com uma característica de Waltel, que classificou como um traço de genialidade: ele

compunha direto na pauta, sem ter qualquer instrumento por perto — apenas transcrevendo a música que ouvia dentro de si. O mais espantoso era que Branco era capaz de levar a cabo esse processo peculiar de composição mesmo em ambientes coletivos, barulhentos, em que o burburinho das conversas não o impedia de fechar-se em seu mundo. “Assim, só teve ele e Beethoven, né?”, disse-me Emmer.

Se é bem verdade que Waltel permanece à margem do grande público, o mesmo não se pode dizer em relação às entranhas do universo musical. Quem é do *métier* atesta a importância de Branco. Menescal se divertiu ao relembrar velhas histórias. Djavan abriu uma brecha em sua agenda, em plena gravação de *Vesúvio*, para falar comigo sobre o maestro. João Donato destacou o início de carreira de ambos, em Copacabana. Guinga chorou quando lhe dei informações do velho amigo, a quem não via havia anos. Odair José enfatizou conselhos que recebeu de Waltel e que carregou para a vida. Tito Madi destacou a dimensão humana de Branco. E assim por diante...

De minha parte, a revelação se concluiu em uma manhã, em que cheguei ao Hotel Globo e encontrei Waltel dormindo. Assim que acordou, o maestro me contou que havia sonhado com um mosquito que perseguia uma garotinha, ao som de uma música — um chorinho. Pediu, então, para que eu alcançasse seu violão. Tocou, então, a trilha do próprio sonho. Branco compôs dormindo. Tive a certeza de que eu presenciara algo extraordinário. O gênio continuava oculto. Entretanto, com meu livro, eu tentaria fazer jus à sua obra.





Daniel Caron

Felipe Aníbal (1981) é jornalista e escritor. Como repórter, publicou em veículos diversos, como a revista *piauí*, *The Intercept Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Valor* e *Plural*. Vencedor Prêmio Imprensa Embratel, Prêmio Estácio de Jornalismo e Prêmio Fiep, além do segundo lugar no Prêmio Latinoamericano de Periodismo de Investigação.

Amor

André Sant'Anna

Aqueles planetas. Aquelas estrelas todas e o universo e os cientistas explicando as galáxias e as palavras dos cientistas e aqueles livros todos explicando os cientistas e o Einstein lendo aqueles livros e o Einstein explicando aquela teoria toda. Os negros e os ingleses e as bocetas.

Os cientistas. Aquelas palavras todas. Essas palavras todas. Todas aquelas palavras daquelas mulheres e aqueles caras, lá, pensando nas bocetas e aquele golaço do Pelé e a estátua do Bellini e todas aquelas copas do mundo e o povo, lá, gritando "Brasil, Brasil" e o Zico perdendo aquele pênalti e o povo, lá, fedendo e o povo, lá, reclamando. Aquelas palavras todas.

Criancinhas esguichando sangue e o joelho do Zico esguichando sangue e o sol, lá, secando o joelho do Zico e a mulher do Zico, lá na Barra da Tijuca, vigiando o feijão que a empregada do Zico faz e o filho do Zico, lá naquela escola, escrevendo aquelas palavras todas e aqueles cineastas fazendo filmes e aqueles pintores pintando quadros e explicando aquelas palavras todas e aquele compositor americano e o Maradona, lá no Taití, com aquela loura, e o Maradona, lá no México, marcando aqueles golaços e o Freud fumando aquele charuto, explicando todas aquelas coisas e aquela mulher, com a boceta, deitada naquele divã da casa do Freud e aquelas palavras daqueles caras, lá no oriente.

Os paus daqueles monges integrados ao todo e aqueles monges, lá, não pensando em sexo e aquele garotinho, lá na Suécia, olhando aquelas bocetas nas revistas e toda essa angústia.

Aquelas mulheres e todas aquelas bocetas daquelas mulheres. Aquelas mulheres e aquele cara explicando aquelas palavras e todas essas histórias.

Aqueles livros todos secando sob o sol e aquelas mulheres com aquelas bocetas e os homens perseguindo as bocetas daquelas mulheres e aqueles homens e mulheres pensando em sexo e explicando aquelas palavras daqueles livros e o piloto de carros esguichando champanhe no príncipe e a filha do príncipe, lá, pensando em sexo e a filha do príncipe, lá, dirigindo o carro da Grace Kelly e a Grace Kelly, morta, devorada pelos vermes e o sol secando o sangue da Grace Kelly e o príncipe devorando cadáveres de ani-

mais no jantar e aquele filme no qual a Grace Kelly estava tão linda lá na televisão e a televisão e aquelas imagens todas da televisão e o mundo inteiro com aqueles continentes e aqueles oceanos e aquelas notícias, no jornal, com aqueles prefeitos e aquele prefeito, falando, falando e explicando aquelas palavras e vendo aquele filme da Grace Kelly lá na televisão e a televisão cheia de prefeitos e ingleses e negros e toda essa história e toda aquela angústia e os corações enviando sangue para os cérebros e aqueles cérebros cheios de miolos e aquelas crianças nascendo sem cérebros e o cérebro do Einstein e o cérebro do Presidente dos Estados Unidos e o pau do Presidente dos Estados Unidos e o pau murcho do Aiatolá do Irã e aquelas criancinhas sem cérebro e todos aqueles australianos, lá na Austrália.

Japoneses fabricando computadores e televisões transmitindo o programa daquele cara explicando aquelas palavras do livro e aquele cantor falando aquelas palavras todas e o outro cantor falando sobre o programa divertido do cara explicando aquelas palavras do livro e todos aqueles caras se suicidando e todas essas máquinas e todas essas palavras e os números todos no cérebro do Einstein e esses caras se suicidando e toda essa felicidade das criancinhas brincando e todos aqueles caras vendendo chicletes para aqueles caras dos carros parados nos sinais e aquelas luzes todas piscando nas cidades e o mundo inteiro cheio de caras explicando essas palavras todas e o mundo todo falando e explicando e todos.

Essa angústia toda das criancinhas pegando fogo e liberando carbonos e aquelas células se decompondo e todos aqueles elétrons ao redor dos prótons, girando o tempo todo naquela angústia dos átomos girando o tempo todo ao redor desse sol cheio de carbonos secando o sangue do povo o tempo inteiro e aquelas explosões de combustível e o sol, lá, secando o piloto, em chamas, deitado no caixão com aqueles parentes, ao redor, falando as palavras do Cristo ensanguentado.

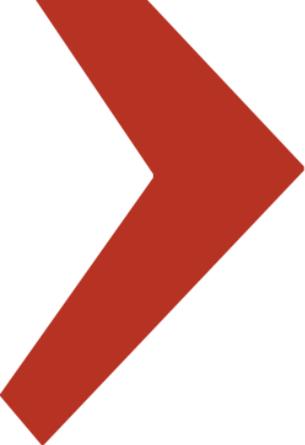
Negros, ingleses, portugueses, judeus, alemães, irlandeses, poloneses, russos, japoneses e esses caras todos.

Pequineses, pastores, dobermans, chiuauas.

As aves. Os peixes e os vermes e micróbios devorando aqueles cadáveres naqueles cemitérios com aquelas cruzes.

Todas aquelas imagens do Cristo e da mãe do Cristo e dos amigos do Cristo esguichando sangue e aqueles romanos, de toga e capacete, cortando, em fatias, os amigos do Cristo e os amigos do Cristo gritando de dor.

Mulheres sentindo dor e bebês saindo pelas bocetas das mulheres e aqueles médicos puxando os bebês com aqueles aparelhos de puxar bebês e pesando os bebês e aquelas enfermeiras (todas vestidas de branco). O tempo todo. <



André Sant'Anna é músico, escritor, dramaturgo, roteirista de cinema, televisão e publicidade. Publicou os livros *Sexo, Amizade, O Paraíso é Bem Bacana, Inverdades, O Brasil é Bom e Discurso Sobre a Metástase*, entre outros. *Amor*, editado de forma independente há 25 anos e fora de circulação há muito tempo, é o primeiro título da editora curitibana Madame Psicose.



Ela dança

Daniel Amorim

A atriz de dezenove anos está em turnê pelo Brasil. Faz o papel da garotinha trevosa com lábios de batom preto e uniforme de colégio interno. Foi beneficiada pela baixa estatura e pelo rosto pálido e infantil. Seus cabelos dividem-se em tranças negras que brilham sob os holofotes. Braços cruzados e expressão carrancuda nos *outdoors* e cartazes colados nos muros da cidade. Ela povoa os sonhos de idosos recém-divorciados e estudantes não raro flagrados em pleno ato masturbatório por mães dedicadas. Elas sentem-se confusas, buscam aconselhamento em orientadoras educacionais e pastores evangélicos, que recomendam a proibição de toda e qualquer referência à maldita personagem, cujo principal objetivo é desvirtuar nossos jovens e crianças, entregando-as de bandeja às garras de Belzebuth.

A atriz de dezenove anos diz que a montagem (inspirada num dos episódios mais polêmicos de um enlatado moderninho de *streaming*) é tosca e que seus colegas de palco sofrem de uma gritante falta de técnica & talento. Ela, no entanto, limita sua opinião ao espelho do camarim improvisado num contêiner que fede à maconha e mijo. Xinga entredentes a senhora que interpreta sua mãe, a atriz de cinquenta e seis anos que tenta (e consegue) esconder a idade sob camadas de maquiagem importada. Na verdade, a atriz de dezenove anos sente inveja do nariz afilado da mulher, um item na fisionomia alheia que cobiçou desde criança, pois considera um faro pontudo o máximo do charme e do glamour.

A atriz de dezenove anos prefere manter distância do ator de 37 anos que encarna seu pai, um agente funerário — não há indicações exatas a respeito da profissão do personagem, mas abraçou a ideia desde que assistiu ao filme original que inspirou a série e a montagem, há um ano e meio. O homem gordo, que usa recursos cenográficos que o transformam num cinquentão, molha os lábios enquanto movimenta os quadris num gingado lascivo ao vê-la atravessar os bastidores. *Hmmm hmmm hmmmmmm*, ele sussurra, oculto pela penumbra das cortinas que se abrirão em segundos, a figura de um vampiro esfaimado sobrevivendo após décadas sem ingerir o elixir da vida eterna.

A atriz de dezenove anos largou o emprego de atendente numa agência de publicidade para realizar seu sonho: virar atriz, obviamente sob protestos do pai, ex-professor de História e agora dono de uma lavanderia. Em represália, ele anunciou que cortaria o financiamento do carro da atriz de dezenove anos, mas reconsiderou a tática após longas conversas com a esposa. A atriz de dezenove anos pensava que, apesar das incertezas da vida artística, jamais trocaria as turnês pela rotina massacrante de uma agência, com seus clientes abusivos e funcionários egocêntricos. Foi com muita perseverança que ela conseguiu o papel, esfregando na cara dos avaliadores o certificado do curso de artes cênicas obtido numa escola picareta, atualmente dedicada à formação de *coaches*, após uma longa madrugada na porta do estúdio onde fariam os testes de elenco.

A atriz de dezenove anos responde com evasivas às perguntas sobre o teste do sofá. Não confirma nem nega. Prefere manter a aura de mistério e sacanagem diluída na imagem de uma novata. É óbvio que ela jamais aceitaria um convite sexual em troca de um papel, mas aproveitou outra carta na manga para conquistar a vitória. Depois do teste, e a par dos vícios da equipe fartamente divulgados em comentários nas redes sociais, retirou um pequeno saco plástico com fecho de *ziplock* do bolso e aspirou ali mesmo, na frente de um trio de rostos entediados, cerca de duas gramas de cocaína com 70% de pureza, uma raridade no mercado de substâncias ilegais. Ofereceu ao júri uma pazinha de tomar sorvete como bônus.

A atriz de dezenove anos gastou alguns minutos e mensagens de aplicativo até encontrar, com o auxílio de amigos, o contato de um traficante que fornecesse o produto ideal. Trancou-se no quarto e resolveu fazer o teste de eficácia por conta própria, embora não usasse a droga desde o último ano do ensino médio. Ali, deitada no lençol com desenho de fadas, sentiu a decolagem rumo ao estrelato. Flashes de câmeras estouram diante de sua passagem em um tapete vermelho do festival de cinema de Gramado. Usa uma echarpe de pele de urso e brincos de pérola que tocam sua

vemente seus ombros. Exibe um penteado loiro be-suntando de laquê, um castelo onírico e sinuoso em formato de interrogação. O nariz afilado, esculpido pelas melhores técnicas de rinoplastia. O sorriso impecável. Enfim, os anos de sofrimento com o aparelho ortodôntico deram um ótimo resultado.

A atriz de dezenove anos aceitou de imediato o convite para jantar numa pizzaria após ser aprovada no teste. Os membros da equipe de produção mostravam-se gentis e interessados na vida particular da nova estrela. E o mais importante: nunca faziam caretas ou debochavam quando ela pedia fatias de sabores exóticos, como abacaxi e morango confeitado, seus preferidos. Ela sentiu-se abraçada num sentido retroativo — como se nunca tivesse enfrentado a rejeição e o complexo de inferioridade da adolescência. O diretor, um senhor de barba grisalha rala e óculos desnivelados, despejava doses de vinho tinto na taça da atriz de dezenove anos a cada cinco minutos, entremeando a oferta com perguntas sobre a autoria de diálogos de peças famosas. Ela não acertou nenhuma resposta, o que garantiu um porre que a deixou amortecida ao longo da manhã seguinte.

A atriz de dezenove anos resolveu dar uma pausa no consumo da droga, que havia retomado para enfrentar o nervosismo que aumentava a cada apresentação. Marcou sessões de psicanálise por videochamada, mas o processo de cura é lento, o doutor avisou, e ela anseia por resultados. Aproveita o horário do almoço para consultar (às escondidas, de preferência no banheiro, pois teme a reação do diretor da peça) um livro de autoajuda que se tornou uma espécie de guru em celulose. Um decálogo de orientações para viver melhor, sem traumas ou dificuldades. Mas ela percebe que as fórmulas garantem um sucesso limitado, e então volta ao ponto de partida. Está exausta.

A atriz de dezenove anos experimenta um turbilhão de sentimentos que envolvem excitação, alívio e ansiedade por conta da ótima audiência da montagem. A cada noite fica mais difícil projetar a voz acima da balbúrdia promovida por crianças e adolescentes, que aplaudem, gritam e soltam gargalhadas, inclusive nos diálogos mais horripilantes (ou talvez justamente por

isso). Fãs se acotovelam na saída dos teatros em busca de autógrafos e fotos que divulgarão nas redes sociais. No entanto, ela ainda não superou o mal-estar que percorre seus membros como um fio desencapado ao executar a ridícula dancinha da protagonista no clímax da peça. Os dedos da mão postados como garras, sacolejando os quadris de um lado para o outro enquanto os pés se movem na direção contrária, a cabeça jogada para o alto como uma vítima de possessão demoníaca e de volta à posição inicial, dez vezes seguidas. Ao fundo, uma trilha bate-estaca produzida de última hora devido a problemas com direitos autorais. Gostava de entoar o roteiro em voz baixa enquanto mergulhava em sais de banhos nos quartos de hotéis.

A atriz de dezenove anos apaixonou-se pelo repórter de cultura de um jornal de província. Cavanhaque ruivo, 1,80 m de altura, olhar oblíquo de galã de cinema antigo e voz fanhosa. Ela poderia jurar ter escutado o som de trombetas e harpas angelicais tão logo o jornalista, que passava por um período de experiência, apareceu na sala de entrevistas da redação. Ficou boquiaberta. Mal conseguiu pronunciar as sílabas da primeira resposta (*Qual a sua inspiração para compor a personagem?*). Parecia hipnotizada, e o jovem, inflamado pela overdose de atenção, considerou a sério o arroubo de ousadia da atriz, que o convidou para curtir a noite juntos numa discoteca frequentada por novos ricos. Apesar do cansaço, a atriz de dezenove anos resolveu encontrar o mancebo na frente da casa de eventos. Mal sentaram-se nas mesas, ele pediu dois enormes hambúrgueres mergulhados em queijo cheddar num recipiente de alumínio e batatas-fritas rústicas. O repórter devorou os sanduíches de bacon e carne artesanal com uma voracidade assustadora até para a experiência da atriz de dezenove anos, acostumada à selvageria fast-food praticada por amigos laricados após as noitadas em sua terra natal. Embora a encenação fosse um tanto grotesca (o rapaz falava cuspiendo pedaços de repolho), havia um clique de espontaneidade primitiva naquela atitude que a deixou levemente encantada. Dançaram música techno sob os golpes da iluminação estroboscópica. A atriz de deze-

nove anos lamentou a ausência de um quadradinho colorido na carteira. Após beijar o jornalista na entrada do banheiro masculino, ela despejou um vômito intenso no vaso sanitário e mastigou uma porção de creme dental com carvão ativado para disfarçar o mau-hálito.

A atriz de dezenove anos está enfasiada da badalação em torno da garotinha macabra e sua família excêntrica. Torce para que a turnê encerre logo e consiga algumas semanas de férias antes de embarcar em novas aventuras pelo país. Não entende o distanciamento do repórter que ignora seus pedidos de atenção. Faz um esforço para encontrar algum escape — acroyoga, DMT, xamanismo — porém o interesse esgota-se em poucos dias, dando lugar ao sentimento de absurdo que permeia a rotina. Dedicou-se ao estudo da filosofia no tempo livre e às teorias sobre os novos estados de consciência motivados pela inteligência artificial e neuroprogramação. Um apêndice do manual que havia lido na biblioteca da escola, meio por acaso, meio por falta de tarefas a entregar: *Como Influenciar Pessoas e Fazer Amigos*. Uma edição com a capa detonada e rabiscos nos cantos das páginas, em tinta azul, descoberta na época em que seu irmão caçula morreu de infecção hospitalar. Tinha apenas cinco meses de idade.

A atriz de dezenove anos executava seu bailado hipnótico, tradicionalmente acompanhada pelas crianças, quando interrompeu os movimentos com um gesto de dança flamenca, desvirtuando-se do roteiro original e pedindo a atenção do público. Ofegante, a atriz de dezenove anos caminhou a passos firmes até a ribalta. Fez um longo discurso a respeito dos direitos civis, da violação das liberdades individuais em países sob o comando da esquerda e da direita corruptas, do aquecimento global. A perseguição e morte a casais homoafetivos, vítimas preferenciais de assassinatos durante a madrugada. A lamentável situação financeira dos estudantes universitários da periferia. A ausência de políticas públicas para animais de rua. Os espectadores ouviam com interesse redobrado, mais até do que na encenação da montagem. Os atores no palco e o *staff* da produção pararam de respirar. Era a primeira vez que lidavam com esse tipo de reação inusitada por parte de um membro da equipe. Precisavam intervir

rapidamente, mas não conseguiam articular nenhuma estratégia ou plano de última hora. Uma criança começou a chorar, seguida por outra e mais outra. Esquerdalha, berrou um espectador antes de levantar-se e sair trotando em direção à saída. Patricinha alienada, tá passando pano, afirmou um pai. Ela prosseguiu a manifestação e, a certa altura, percebeu que já não escutava a própria voz. Os ruídos do ambiente e do trânsito se converteram numa sinfonia desconexa e abafada. Era o momento do ato grandioso, o sacrifício final.





Divulgação

Daniel Amorim nasceu em Manaus, Amazonas, em 1983. É jornalista formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Seu primeiro livro, *Zona de Sombra*, recebeu o Prêmio Literário Cidade de Manaus em 2018 e foi publicado pela editora Penalux dois anos depois. Tem um novo livro de contos na gaveta e escreve um romance.

Um repórter negro na roda do samba

Carlitos Marinho



➤ Francisco Guimarães (Vagalume)

Após 90 anos, o livro *Na Roda do Samba*, de Francisco Guimarães, o Vagalume, é relançado e marca a importância da história do samba

“*Na Roda do Samba* vai desmascarar muita gente e, principalmente, os consagrados autores de produções dos outros”, comentou o jornalista Vagalume com o sambista De Chocobat, em um dos livros que iniciou a historiografia do samba. O *Na Roda do Samba*, livro originalmente escrito em 1933 por Francisco Guimarães, ganhou nova versão em 2023, pela editora Serra da Barriga, e foi organizado pelo historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Nesta obra, Vagalume presta uma respeitosa homenagem aos criadores do samba e, ao mesmo, denuncia a exploração comercial da música que surgia por meio da indústria fonográfica e de uma elite de poetas letrados que tinham acesso às gravadoras.

Antes de ser jornalista — e ser conhecido como Vagalume —, Francisco Guimarães foi um jovem negro nascido no Rio de Janeiro em 1877 e só se alfabetizou porque conseguiu uma vaga no Asilo dos Meninos Desvalidos. Essa educação foi dada no contexto da pós-abolição em um dos Institutos Profissionais criados para dar futuro aos jovens beneficiados pela Lei do Ventre Livre. A formação educacional permitiu que Francisco trabalhasse como auxiliar de trem na Estrada de Ferro Central do Brasil. Nesta atividade, conheceu um jornalista que cobria as notícias da ferrovia para um jornal da capital.

Passou pela redação do *Jornal do Brasil* e se dedicou a registrar o cotidiano dos subúrbios cariocas ainda incipientes, os distritos policiais, a rotina dos trabalhadores da noite e as rodas dos primeiros batuques daquilo que, posteriormente, seria reconhecido como samba. Tal experiência contribuiu para que o jornalista

desenvolvesse um estilo próprio de relato, sempre tratando os diferentes espaços da sociedade com equidade, sem nunca deixar de registrar os personagens relevantes para o subúrbio carioca. Para se ter noção, Vagalume chegou a dirigir a primeira sucursal suburbana do *JB*, no bairro Engenho de Dentro.

A informação sobre a vida e a obra de Vagalume citada anteriormente foi resultado de dez anos de trabalho incansável de Leonardo Pereira. O historiador contou que demorou para organizar a nova edição do livro *Na Roda do Samba* porque não tinha acesso à publicação original. Na internet, facilmente é possível encontrar uma versão online em PDF do livro, contudo, Leonardo alertou que essa adaptação é uma transcrição feita com muitos erros e que não é confiável. Há cerca de um ano, o editor Jaime Filho, da Serra da Barriga, conseguiu a versão primária de 1933. A partir desta descoberta, se iniciou o trabalho da editora que se dedica a divulgar o pensamento de autores e personagens negros, como o de Vagalume. A cuidadosa organização desta edição recebeu notas e posfácio que proporcionam ao leitor uma melhor fruição do texto original.

O ponto central do livro escrito por Vagalume é a crítica à indústria musical que passou a associar o gênero samba com cantores brancos, como Francisco Alves, retratado na obra como Chico Viola. Também escrito no mesmo ano, o jornalista e poeta Orestes Barbosa, em consonância com a posição defendida por muitos intelectuais modernistas, apresentou a história do ritmo do samba, que encobria as disputas e os conflitos que fizeram parte do processo de afirmação do gênero musical. Ou seja, escritores que não faziam ideia sobre as peculiaridades do movimento cultural que abrangia o samba, forjavam uma brasilidade de cima para baixo, como apontado por Pereira no posfácio da nova edição.

Mas afinal, qual seria o verdadeiro samba defendido por Vagalume? Primeiramente, não é qualquer um que entra na roda. Para o autor, o samba carioca surgia

nos morros da favela de São Carlos, da Mangueira, do Salgueiro ou do Querosene, que eram os “morros-academia”. Só depois iria à aprovação do povo do Estácio e seguia à consagração da gente do Catete. Bom, para ser mais específico, o samba nascia “no alto do morro. No coração amoroso de um homem rude cuja musa embrutecida não encontra tropeços para cantar as suas alegrias e as suas mágoas em versos mal alinhavados, que traduzem o sentir de um poeta que não sabe o que é metrificação nem tem relações com o dicionário”, disse Vagalume.

E onde morre o samba? O samba perde sua essência e é esquecido quando deixa de ser uma expressão autêntica nas rodas de samba e se transforma em um produto comercial, apenas para gerar lucro para editores e outros produtores. Para o autor, o samba pertence aos trabalhadores e ambientes negros. Na roda do samba destaca o lado positivo dos personagens que costumavam aparecer somente nas páginas policiais da grande imprensa. Vagalume escreveu crônicas sobre o mundo do carnaval, do samba, da religiosidade e, por conta disso, ao longo da primeira república, talvez seja o maior especialista da imprensa sobre temas relativos às culturas negras. Esta obra é resultado do fruto do trabalho de Francisco Guimarães como jornalista. O samba deve muito a ele. <

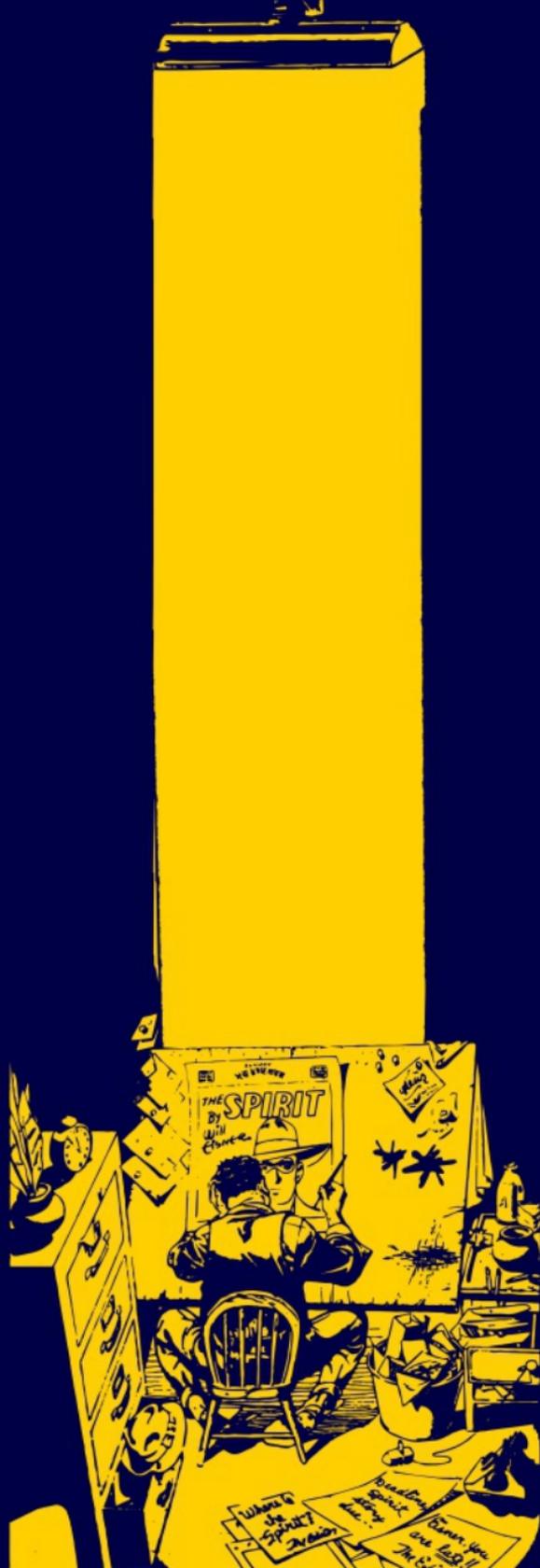


Carlitos Marinho (1997) nasceu em Mariluz, no Paraná. É jornalista na Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e pesquisa Gestão Cultural no Programa de Pós-graduação da Unespar.



Will
Eisner
gráfica
cena

Key Imaguire Jr.



William Eisner (1917-2005) nasceu no Brooklyn, em Nova York. Considerado um dos grandes artistas de HQ's ou "arte sequencial", termo criado por ele. Criador do *The Spirit*, *John Law*, *Lady Luck*, *Mr. Mystic*, *Tio Sam*, *Blackhawk*, *Sheena*, entre outros personagens, Eisner inovou a linguagem gráfica em seu percurso de 80 anos de carreira, "dono de um dos traços mais ágeis e elegantes das HQ's", pontua Key Imaguire Jr. Um dos maiores prêmios de quadrinhos *Eisner Award* é uma homenagem ao artista.

Neste artigo "gráfica cena" publicado no *Nicolau 38**, de abril/maio de 1991, o arquiteto e idealizador da Gibiteca de Curitiba, Key Imaguire Jr, escreve sobre a peça *New York*, de Edson Bueno, inspirado no quadrinista, e o compara com Shakespeare no teatro e Kurosawa no cinema: "aquela posição isolada, o limbo onde o tempo não passa e onde a crítica não dá pé e morre afogada sem ninguém que a socorra", diz Imaguire sobre Eisner.

*Publicamos todas as edições do *Jornal Nicolau* em sua versão original, inclusive com o acordo ortográfico vigente na época e a biografia dos autores(as).



Reprodução

Matéria publicada originalmente no Nicolau, suplemento bimestral editado pela Secretaria da Cultura (SEEC).
Abril / Maio de 1991, ano V, número 38

Introduzido no teatro do Paraná por Edson Bueno com a peça 'New York' (um ano em cartaz em Curitiba, no Guairinha), Will Eisner é dono de um dos traços mais ágeis e elegantes das HQs. Para **Nicolau**, Key Imaguire Jr. fala deste quadrinista que chega a ser comparado, em sua área de atuação, a Shakespeare e Kurosawa.

Will Eisner é para os quadrinistas o que Shakespeare é para o teatro, o que Beethoven é para a música ou o que Kurosawa é para o cinema: aquela posição isolada, o limbo onde o tempo não passa e onde a crítica não dá pé e morre afogada sem ninguém que a socorra.

A profundidade dos contrapontos de Eisner é tão impressionante que já cedi à tentação de compará-lo a Sartre, *O Ser e o não-Ser*, essas coisas. Não deu certo. O francês é filosófico e pesado, baixo astral, enquanto que o descendente de austríacos é brilhante, ágil e elegante como uma valsa vienense.

É claro que, de um ponto de vista estritamente *quadrinhológico*, a obra de Eisner conhece dois momentos bem definidos: o **Spirit** e as novelas gráficas. No entanto, de uma perspectiva mais ampla, as coisas estão ligadas por fatores tão densos quanto a genialidade do estilo Eisner.

Foi isso que Edson Bueno percebeu e interpretou muito bem, ao transformar o **Spirit** em personagem da novela gráfica *New York*, adicionando ainda elementos de *O Edifício* e *Um Contrato com Deus*, criações maiores desse autor que só tem altos.

A crítica possível à peça seria quanto às concessões ao humor brasileiro no contexto de uma produção tão européia quanto a de Eisner. Mas estou certo de que ele as aprova e aceita, sabendo, como sabe, que teatro não é só o velho Bill...

Particpei das primeiras etapas da elaboração da peça do Edson Bueno. Sua incontida admiração pelos quadrinhos de Eisner deixavam prever, desde o princípio, um trabalho dedicado. A intercalação de cenas de histórias diferentes entre si, resultando numa seqüência única, é uma elucubração delicada e difícil, só mesmo possível a velhos *quadrinhólogos*.

E como velho *quadrinhólogo*, acho admirável a exatidão com que são transpostos alguns quadrinhos para a peça, a ponto das cenas se parecerem com fotografias dos quadrinhos. Essa colagem exigiu o transplante, para a linguagem teatral, dos tais contrastes e contrapontos psicológicos e visuais, que são uma das faces mais importantes da maestria de Eisner.

O próprio "clima Spirit", recendendo a existencialismo sartreano, foi um dos mais poderosos fatores de continuidade, dominando até mesmo as cenas em que não há relação com o personagem.

A troca de influências entre cinema e quadrinhos tem sido mais frequente que a existente entre quadrinhos e teatro, o que tem sua lógica evidente. O merecido sucesso de *New York, by Will Eisner and Edson Bueno*, no entanto, deve levar os diretores de teatro a pensarem seriamente em frequentar as bancas de gibis com mais assiduidade...

O lado bonito do feio

Tita Blister

As imagens foram produzidas nos momentos de caminhada, de observação do lado mais feio do cotidiano, pequenos objetos estragados, detalhes tristes da arquitetura. Acredito que as coisas sofrem. Objetos se deprimem, o céu chora. O mundo é um belo sofrimento.

Tita Blister é formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entre os anos de 1980 e 1990, foi ilustradora de histórias em quadrinhos nos jornais da cidade. Hoje, usa a fotografia — faz cliques desde 1998 — como suporte para as chamadas “ilustras”. Trabalha com desconstrução em autorretratos, excentricidade visual, apropriação de imagens, fotografias antigas e ruído, escrevendo poemas e descarregos de emoções sobre as fotos. <



PORQUE VOCE É LUZE FORA DA LUZ SE EXISTE A MINHA ESCURIDAO
DENTRO DA MINHA LUZ BRILHA E ESCURO TO TALE VOCE EM COMIGO SE A CLARA DOU ESCURIR
COLAPSANDO:

ALL











EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação

Lucas Daniel

Luiz Felipe Cunha

Pesquisa e Produção

Maria Beatriz Peres

Valéria Bittencourt

Estagiário

Francisco Camolezi

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá

Junior Milek

Colaboradores desta edição

André Sant'Anna

Carlitos Marinho

Daniel Amorim

Key Imaguire Jr.

Felippe Anibal

Tita Blister

Ilustração de capa

Iuri De Sá

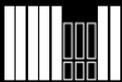


Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA